

## UMA ANÁLISE DA DOMESTICAÇÃO DAS MULHERES NA (DES)CONSTRUÇÃO DO “SER MULHER” EM VIRGINIA WOOLF

*An analysis of the domestication of women in (des)construction of "Being Woman" in Virginia Woolf*

Joana Paula Silva SOUSA<sup>1</sup>

Vania Maria Ferreira VASCONCELOS<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo parte da análise do processo histórico de dominação masculina sobre as mulheres como ainda sendo um fator a ser superado na contemporaneidade. E por meio da análise de textos da autora feminista Virgínia Woolf, abordamos os desafios das mulheres não somente no seu tempo e espaço, mas na forma com que estas têm sofrido por seu corpo ser mulher. Buscamos ainda analisar o uso do poder em premissas teóricas e contribuições de autores como Bourdieu (2012); Camargo (2001); Duarte (2003), entre outros. E, partindo dessas abordagens, discutir a representação das mulheres tendo como suporte a literatura. Além de discutir sobre uma sociedade patriarcal, de obediência, adoração e privilégios sociais no domínio familiar e as relações em que envolve a sociedade machista encontrada em cada período. O papel da mulher na sociedade, a forma como ela foi e continua sendo tratada historicamente, suas influências na sociedade, além das reflexões sobre o papel da mulher sociedade atualmente. As diferenças entre homens e mulheres como elo de poder, em decorrência disso perceber as transformações decorrentes. Em suma, é importante que se busque conhecer e reconhecer nesse processo a força das mulheres, sobretudo para compreender o “poder” que elas representam sobre determinadas situações e condições que as envolvem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Discursos. Representações.

**ABSTRACT:** The present article starts from the analysis of the historical process of masculine domination on the women as still being a factor to be overcome in contemporaneity. And through the analysis of texts by the feminist author Virginia Woolf, we approach the challenges of women not only in their time and space, but in the way they have suffered for their body to be a woman. We also seek to analyze the use of power in theoretical premises and contributions of authors such as Bourdieu (2012); Camargo (2001); Duarte (2003), among others. And, starting from these approaches, to discuss the representation of women having as support the literature. In addition to discussing a patriarchal society, obedience, worship and social privileges in the family domain and the relationships in which it involves the sexist society found in

<sup>1</sup>Mestranda em História e Letras – MIHL pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. Universidade Estadual do Ceará – FECLESC/ UECE, E-mail: [joanapaula4@hotmail.com](mailto:joanapaula4@hotmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Literatura Contemporânea pela Universidade de Brasília (2014), Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (1999), é pesquisadora membro do grupo Vozes Femininas e do grupo Afroletrias. Atualmente é professora Adjunta da UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, no Campus dos Malês (BA), pesquisa e trabalha nas áreas que articulam estudos de gênero, raça e literaturas brasileira e africanas e integra o Programa de Pós Graduação da FECLESC, como docente do MIHL - Mestrado Interdisciplinar de História e Letras. E-mail: [vaniavas@gmail.com](mailto:vaniavas@gmail.com)



each period. The role of women in society, the way it has been and continues to be treated historically, its influences on society, in addition to reflections on the role of women society today. The differences between men and women as a link of power, as a result of this perceive the resulting transformations. In short, it is important to seek and recognize in this process the strength of women, especially to understand the "power" they represent about certain situations and conditions that involve them.

**KEYWORDS:** Literature. Speeches. Representations.

## 1. INTRODUÇÃO

Quem pode medir a fúria e a violência do coração de um poeta quando preso e emaranhado em um corpo de mulher?  
Woolf (2014, p. 72).

A luta contra a opressão vivenciada pelas mulheres cotidianamente ganha força no período da Revolução Francesa em seu contexto social e político, que os ideais de "Igualdade, Fraternidade e Liberdade" contemplassem as mulheres, e as levando a reivindicar por igualdade de direitos e colocasse um fim a discriminação e em consequência tivesse igualdade dos gêneros. Assegurando suas participações no processo social e político construído ao longo da história, assim, desmistificando a representação estereotipada e psicológica das mulheres por meio de discursos machistas.

As representações de uma sociedade machista retratado em textos literários foram e são utilizadas para demonstrar a (des)construção de identidades femininas na busca do descobrir o verdadeiro "eu". Corroborado pelo discurso voltado à imposição machista e da visão preconceituosa que se tem da mulher, partes características dos elementos que compõe a hierarquia discursiva e de gêneros. Entretanto, Virgínia Woolf em suas obras discute em defesa as mulheres no sentido de (des)construção de uma visão de mundo em metáforas, tanto sociais quanto psicológicas.

Vejamos o trecho a seguir que remete a consciência crítica da escritora quanto ao papel da mulher naquela época:

Quando vocês me pediram para falar sobre [...] sentei-me às margens de um rio e ponderei sobre o significado dessas palavras. [...] as palavras não parecem tão simples (p.11), e também a própria dificuldade de um palestrante que a principal tarefa é dar, após um discurso de uma hora, uma pepita de preciosa verdade para ser embrulhada nas páginas de um certo caderno e mantida em permanente exibição (WOOLF, 2014, p. 12).

E nesse contexto é possível perceber que o modo de submissão é o modelo de mulher que se apresentava na sociedade patriarcal, um período que, não importava o que as mulheres sentissem, simplesmente elas “aceitavam” o que lhes eram impostos às condições estabelecidas. O que para a autora Virginia Woolf em seus textos é uma forma de ressaltar as necessidades das mulheres dentro da sociedade abordadas em um mundo machista a partir de uma narrativa de descrição simples, enfatizada pelos atos de resistência as práticas sociais de privilégios atribuídos aos homens.

A análise feita por Virgínia Woolf em “Judite: a irmã de Shakespeare” faz comparações de vida de um homem e de uma mulher, as punições e facilidades do homem em conseguir uma posição na sociedade nos leva a discorrer sobre o cânone literário que trata de contradições sócias- históricas de regras e representações de autores reconhecidos e respeitados pelo meio literário.

Essa discussão analisa a exclusão da mulher na literatura não fazendo parte do interesse de críticos o que acarreta na falta de conhecimento, e assim, paramos para observar somente os clássicos que sempre são de homens, brancos, europeus dentre outros fatores que se nos percebem mais diversos clássicos sem identificar a presença das mulheres.

Os textos de Virgínia Woolf são uma reflexão sobre a condição feminina sob os posicionamentos machistas na sociedade. É importante ressaltar a relevância de discutirmos as formas que essa escritora descreve e aborda sobre essas mulheres de maneira há entendermos o tempo e espaço os quais elas se encontram utilizando recursos que de forma sutil colocasse nos textos essas discussões.

## 2. REFLEXÕES SOBRE A “CONDIÇÃO” MULHER

O termo mulher muito é usado pela sociedade para fazer distinções sexuais biológicas e socioculturais atribuídos às mulheres ao longo da história, o que torna a luta por igualdade de direitos e o reconhecimento merecido uma resistência a esses atos pertencentes do sistema patriarcal acarretado de preconceitos e dificuldades.

No intuito de mostrar a forma simbólica dos textos literários que há tempos discute igualdade de direitos e de gêneros e fazem reflexões sobre o que é ser mulher na sociedade, sobretudo na sociedade contemporânea, na defesa por um mundo profissional e intelectual no combate ao machismo social, destacamos as experiências adquiridas através dos enfrentamentos profissionais de muitas mulheres usarem pseudônimos masculinos para obterem êxitos no meio literário.

Aqui estou eu, a perguntando-me por que as mulheres não escreviam poesia durante a era elisabetana, e não tenho certeza de como eram educadas; se alguém as ensinava a escrever; se possuíam salas próprias; quantas mulheres tinham filhos antes dos vinte e um anos; o que, em resumo, elas faziam das oito da manhã até às oito da noite [...] Na verdade, arrisco-me a dizer que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem cantá-los, com frequência era uma mulher... Isso pode ser verdadeiro ou falso – quem pode afirmar? –, mas o que é verdadeiro aqui, ao que me parece, revendo a história da irmã de Shakespeare como eu a inventei, é que qualquer mulher que tenha nascido com um grande talento no século XVI certamente teria enlouquecido, atirado em si mesma ou terminado seus dias em um chalé nos arredores da vila, meio bruxa, meio feiticeira, temida e escarnejada (WOOLF, 2014, p. 36-38).

A crítica feita pela autora à posição que as mulheres ocupavam na sociedade e a educação feminina precária em relação à dada aos homens trata questões sociais que rebatem temas machistas referentes à domesticação das mulheres que muitas vezes precisamos enfrentar e combater com frequência na sociedade contemporânea em relação a igualdades de gêneros.

Segundo Duarte (2003, p. 151) “[a] reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste

semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal Amanda, machona, feia e, a gota d'água, o oposto de "feminismo". A forma que a descaracterização da palavra "feminista" passou a ser representada causou no meio literário feminino, rejeição atribuída aos estereótipos formados a partir dessa representação.

No ensaio "A posição intelectual das mulheres" Virgínia Woolf aborda as posições negativas atribuídas às mulheres e as discordâncias entre sexos. Por acreditarem que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens. Esse jogo de interesses em demonstrar socialmente que as mulheres não podem ser assim consideradas iguais aos homens que para as mulheres ter suas opiniões respeitadas. E as reflexões da autora sobre a visão tradicional da mulher como "anjo do lar" nos permite analisar as dificuldades femininas no mundo do trabalho, fazendo uma observação aos textos "Anônimos".

Neste contexto a escrita anônima que Virgínia supõe dos poemas de assumirem a autoria por não serem capazes e vivendo sob um olhar machista, nos faz refletir ao lermos "Cem anos de perdão", de Clarice Lispector<sup>3</sup>, ao se oculta o desejo do prazer sentido pela mulher em um período em que ela não poderia expor diante os olhares machistas já que elas foram "criadas" para "servir". E ver o poder da mulher mesmo imersa nessa sociedade machista ela não é refém a outros, a satisfação de seus desejos e não se importa com as consequências.

A tradição entre sexos, tal como a conhecemos, se produz; ou, em outros termos, de tratar a análise objetiva de uma sociedade organizada de cima para baixo segundo o princípio androcêntrico (a tradição cabila), como uma arqueologia objetiva de nosso inconsciente, isto é, como instrumentos de uma verdadeira socioanálise... Esse desvio, indo a uma tradição exótica, é indispensável para quebrar a relação de enganosa familiaridade que nos liga à nossa própria tradição. As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada (os "gêneros" como habitus sexuais), como o fundamento *in natura* da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da

---

<sup>3</sup> Ver: *Cem anos de perdão*. Disponível em: <http://claricelispector.blogspot.com.br>

representação da realidade e que se impõe por vezes à própria pesquisa. (BOURDIEU, 2012. p. 9-10).

Nesse sentido, é preciso que o papel da mulher ganhe destaque na sociedade, conquistando outros espaços sociais, por isso em “As mulheres e a ficção” Woolf averigua, dentro da tradição literária inglesa, os inícios da relação mulher/escrita, centrando-se na figura autoral feminina. Além do mais, quanto à questão da violência simbólica percebemos como “a ordem social masculina encontra sua força na neutralidade que se atribui e na legitimidade que se propõe a si mesma” (SANTANA, 2012, p. 106).

Essa ordem se institui como se a separação dos sexos fizesse parte da ordem das coisas, natural e inevitável. Isso é o que Bourdieu analisa de modo enérgico. Nessa perspectiva para o sociólogo francês Bourdieu

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservada aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior da desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Dessa forma, o autor expõe que cabe ao analista de discurso, ao pesquisador, sócio-analista, tentar compreender esse esquema sinóptico das oposições pertinentes aos sexos e que, como princípio de visão e divisão sexualizante, entram na construção social do corpo como realidade sexuada. Essa divisão das coisas, das atividades, dos espaços e do tempo segundo a divisão sexual, normalizada e presente em estado objetivado nas coisas e em todo mundo social, se incorpora nos corpos e nos *habitus* dos agentes, “[...] funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (BOURDIEU, 2012, p. 17).

### 3. A “DOMESTICAÇÃO” DO “SER MULHER”

Questionar e romper com a ação hierárquica literária fez de Virgínia Woolf uma escritora além do intelecto atribuído as mulheres no século passado, chegando a ser descrita no filme “As hora” através das personagens Laura Brow que ler seu livro e sua vida muda completamente percebendo que sua condição de mulher do lar não significava sua vida por inteiro faltava algo em si que precisava descobrir, e Clarissa Vaughan que se vê na figura da “Mrs. Dalloway” em que a autora faz críticas sobre o que é o ser humano?.

Mesmo em tempos diferentes a vida dessas mulheres acaba de certa forma se ligando e assim descrevendo Woolf como uma mulher desequilibrada emocionalmente, melancólica e indícios de impotência intelectual para escrever. Sendo ela diagnosticada com o distúrbio bipolar, mostrando a crítica à figura psiquiatra, profissão ainda iniciante no período. E entender que por trás da ficção existem elementos reais que interessam questionar.

A situação das mulheres por mais que tenha uma profissão como Virginia Woolf, causa entre os homens e a sociedade machistas desconforto e o distanciamento entre os gêneros. Nesse intuito o filme faz uma abordagem da mulher em seus aspectos característicos e formalizado pela sociedade que tem conceitos normatizados em relação a homens e mulheres, formando uma divisão na formação dos indivíduos por ser o melhor.

Observamos que análise feita por Camargo (2001, p. 3) nos faz avaliar que a luta feminista vai além de apenas “concluir que uma mulher que defende o direito à propriedade e o voto, além do direito a independência financeira, seja uma militante feminista”. Ainda na leitura dessa pesquisadora, observa-se que parece incoerente que alguém que tem todos estes direitos, além de berço e posição social tenha interesse em lutar pelo direito de quem foi “educada para assegurar o bem estar-social de seus próximos e para ser o espelho que duplica a imagem do homem que se olha nele” (CAMARGO, 2001, p. 3).

É importante ressaltar o fato de que, ainda se busca igualdade a condição da mulher no trabalho e estudo, compreensão e ações na luta dessa conquista passam a ajudar no processo para retirar a invisibilidade do trabalho feminino. No entanto, as mulheres ainda não conseguem se sobressair do trabalho doméstico há dificuldades em ter uma profissão fora do “lar”, pois querendo ou não as mulheres ainda estão colocadas no mercado de trabalho



de forma inferior por serem mães, casadas entre outras representações. Uma desculpa para não as contratarem, o que as coloca em condição de desigualdade constante.

De acordo com os textos de Virgínia Woolf podemos ressaltar que o fato dessas mulheres assumirem trabalhos e papéis diferentes no meio social possibilitou uma nova visão na construção de identidades e no processo da luta por direitos estabelecidos pela sociedade. Aborda a importância das mulheres na sociedade faz-se intensa tanto a cargos públicos e privados quanto na literatura e outros meios.

A influência do feminismo tem crescido na sociedade apesar dos mitos que as envolvem no contexto histórico do sistema social. A luta feminista vem a favor da igualdade de mulheres e homem na sociedade, seja conquistada e mesmo com os desafios a serem enfrentados, faz da resistência um fator necessário aos indivíduos e por consequência possa ocasionar mudanças.

### **Coisas de mulheres: para (des)construir**

#### **Águas**

A força das mulheres  
Está no cheiro  
De terra molhada  
Que fica depois da chuva esperada  
A força das mulheres  
Está na terra arrasada  
Na planície devastada  
Do sertão  
Que se levanta  
Em seu próprio pó  
A força das mulheres  
Um dia vai oceanar

Jorrar gotas de esperança  
Irigar a terra ferida  
Mulher não é planta seca  
Isso é o que importa  
Mulher não é natureza morta  
Sempre haverá força nas mulheres  
Destino da mulher é amor  
Destino da mulher é amar  
Toda mulher  
Pode se encontrar em suas águas  
Toda mulher  
Pode se encontrar nas águas do mar.  
(SOBRAL, Cristiane. *Águas*. Disponível em: <http://latitudeslatinas.com/poemas-de-cristiane-sobral/>)

A condição da mulher é o objeto de estudo deste ensaio que, mostrado pelas autoras analisadas vem sendo também abordado pelas escritoras feministas na contemporaneidade. Para a escritora Cristiane Sobral que descreve em seus textos a mulher de forma que percebamos a resistência de ser mulher em meio ao processo de luta contra a sociedade machista que ainda mesmo na sociedade contemporânea vem se estabelecendo.



A escritora, atriz e diretora, traz em sua obra acima citada uma abordagem sobre a discriminação das mulheres por meio de aspectos que as fragilizam percebendo que essas diferenças não possam ser um fator discriminatório, e a partir daí nos faz refletir a figura e presença do indivíduo formado pelo preconceito.

Torna-se relevante ressaltar nesse poema de Cristiane Sobral a forma como descreve o preconceito vivenciado por mulheres, sobretudo as mulheres ditas “do lar” a partir de metáfora. O poema (des)constrói a imagem frágil das mulheres para além da visão machista e explora a condição imposta pela sociedade machista em relação a esses fatos, dando poder as mulheres caracterizando como um indivíduo forte nas diferentes situações.

A mulher no poema se caracteriza pela forma que a autora visualiza a busca por direitos iguais e assim, vistas como sujeitos políticos resultante de enfrentamentos desmistificando a dicotomia entre os gêneros feminino e masculino. E assim como em seu poema “Não vou mais lavar os pratos, nem vou limpar a poeira dos móveis, sinto muito. Comecei a ler” a ironia nas palavras coloca as mulheres em uma visão de novas possibilidades e conquistas “Sempre haverá força nas mulheres”.

As mulheres querem ser protagonistas da sua própria história, estabelecer uma nova visão repleta de novas possibilidades e transformações. E a busca de igualdade entre mulheres e homens é para que tenhamos uma sociedade mais justa e mais humana, que possam ter direitos, sobretudo sem discriminações, mulher.

Em outras palavras, mulheres como as autoras aqui citadas mostra que é possível transformar a história e representação do ser mulher, mesmo com conceitos e preconceitos estabelecidos socialmente até mesmo por mulheres. Estamos questionando para buscarmos entender um período atual em que as mulheres exercem cada vez mais uma atividade profissional em que conseguem se permitir casar ou não, ter ou não filhos. Ser mãe é pensado e pesado como forma de evoluir como indivíduo. Não se trata de uma escravidão do lar e sim como forma de conhecimento e sentido e autonomia individual querer ou não, uma opção.

Enfim, ainda hoje muitos pais e mães reproduzem e naturalizam um tipo de discurso reflexo do comportamento considerado machista, quando se trata da criação de seus filhos, seguindo os aspectos dentro do padrão como foram educados. Instigam costumes e falam de modo que vai naturalizando nesses indivíduos a repetição desse modelo de ser e representar. Seja na forma como separam seus filhos com coisas de menino e coisas de menina, tanto no meio familiar quanto no contexto social, fazendo, portanto, parte da vida cotidiana de muitos indivíduos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos uma análise do que entendemos ser a forma com que o “ser mulher” está representado socialmente em um contexto sociohistoricamente situado. Passamos a entender mais sobre a “condição” mulher, após a “domesticação da mulher”, enfim ressaltamos a (des)construção dessa representação social e profissional da mulher.

Dessa forma, por meio dos enfoques dado por nós, embora existam algumas práticas voltadas à atuação de dominação masculina, ser mulher, segundo nossa compreensão é ser múltipla; mulher dona de casa, esposa, mãe, filha, ter um trabalho fora de casa, sobretudo corresponder às expectativas enquanto a seu papel social já estabelecido.

Este estudo propôs por meio da análise do discurso social sobre o *ser mulher*, questionar o uso de poder em relação a mulher, induzidas nas obrigações impostas no âmbito familiar e social, no qual a maioria das mulheres neste contexto era vista como um ser domesticável, o que não contribui com o rompimento desse termo e fato desenvolvido cotidianamente.

Deste modo, temos nos espaços públicos e privados sentidos da dominação masculina *versus* o ser mulher, no entanto, mais que uma (des)construção, o que se busca a partir dessa análise de caráter político, econômico e cultural, observado na sociedade contemporânea, propor essa (des)construção e desnaturalização.

Aliado a isso, compreendemos que dentre os espaços e papéis propostos a mulheres e homens o que se entende são determinados pelo desempenho de tarefas e funções fixas desenvolvidas durante a história cotidiana desses indivíduos, fomentada pelo fato dicotômico de ser do gênero considerado *frágil e sensível*.

A mulher no seu contexto de atuação representado socialmente ainda requer a discussão dos pressupostos que em termos gerais evidencie as identidades femininas e que não mais seja o sexo frágil, e que saia da ótica da beleza e vaidade. Esse pensamento determina e constrói ao longo do tempo representações na sociedade, como uma estratégia de poder. Entretanto, em nosso entendimento não queremos determinar quem é neste contexto os mocinhos e os bandidos, mas propor uma reflexão sobre esses fatos e conceitos de representação.

A partir da leitura do texto “Um teto todo seu” se pode identificar e analisar diferentes abordagens em outros textos que contribuíram com o trabalho, seus personagens e poesias. O processo, em si, parte de uma abordagem cristalizada e vista como algo natural, marcada pelas estruturas ideológicas.

Neste intuito a contemporaneidade é marcada pela necessidade de mudanças de valores e mentalidades que possam contribuir para desmistificar essa relação de poder. Torna-se, uma reação, uma resistência as essas questões, percebendo a posição da mulher atualmente na (des)construção desses paradigmas. Enfim, os sujeitos se entrelaçam na construção de outras identidades historicamente pautada pela cultura do lugar que se esteja inserido.

Para tanto, no poema “*Eu, etiqueta*”, de Carlos Drummond de Andrade (1984) apresenta o que propomos discutir em nossas abordagens enquanto o ser mulher na sociedade como uma visão estereotipada, o deixar ser identificados e resumidos pela sociedade a que somos parte por “etiqueta”, um rótulo:

Meu corpo, minha xícara,  
Minha toalha de banho e sabonete,  
Meu isso, meu aquilo.  
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
São mensagens,



Letras falantes  
Gritos visuais,  
Ordens de aviso, abuso, reincidências.  
Costume, hábito, premência,  
Indispensabilidade... (ANDRADE, 1984. p.85).

Os versos acima descritos pelo autor nos faz refletir não só o consumismo pela sociedade, mas perceber neles uma metáfora a diferença e a necessidade de não perceber mais a mulher como objeto de consumo por meio de seu corpo “feminino”. É ir contra a condição atribuída ao corpo da mulher pelo homem. Aponta contra o que a sociedade patriarcal formulou durante o período de colonização do Brasil e sua permanência nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

“**As horas**”. Stephen Daldrin, Estados Unidos. Paramount Pictures/ Miramax Filmes, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z-e2E1Sjy3Y>, Acesso em: 24 de abril. 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

CAMARGO, Mônica Hermini de. **Versões do feminino**: Virginia Woolf e a estética feminista. 2001. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras Modernas), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Instituto de estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2003.

SANTANA, Eder Fernandes. A resistência à dominação masculina em Pierre Bourdieu e a reflexão sobre o direito. In: **Águia**: Revista Científica da FENORD / Fundação Educacional Nordeste Mineiro. v. 2 (2012- ). Teófilo Otoni: FENORD, 2012, pp. 99-115.

SOBRAL, Cristiane. **Águas**. Disponível em: <http://latitudeslatinas.com/poemas-de-cristiane-sobral/> Acesso em: 20 de abr. 2018.

WOOLF, Virgínia. Profissões para mulheres: e outros artigos femininos. Posição intelectual da mulher. In: **Um teto todo seu**. Editora: Tordesilhas, 2014.